

Para as modificações e perda do dialecto contribuem, como é natural, as relações cada vez mais íntimas que, por causa da abertura de estradas, instituição de escolas, e outros melhoramentos de vida social, se estabelecem continuamente, já entre as povoações rurais e a vila, já entre o concelho todo e o resto da nação. Vemos isso claramente com dois exemplos. O concelho de Castro Laboreiro, que existiu durante muitos anos independente, foi extinto por Decreto de 24 de Outubro de 1855, e desde então os Crastejos começaram a ir mais vezes à nova vila do que iam antes. Na freguesia de Paderne, lugar do Pêso, ficam as célebres águas minero-medicinais conhecidas ao longe por « águas de Melgaço », exploradas há uns anos para cá: e isso faz que não só vão ali com frequência pessoas das várias freguesias do concelho vender comestíveis, senão que também lá concorram forasteiros de todo o Portugal, e muitos de Hespanha. Em qualquer dos casos *apura-se* o dizer, isto é, altera-se a feição do dialecto.

XVIII

LINGUAGEM POPULAR DE CASTRO LABOREIRO

Castro Laboreiro, em documentos antigos *Crasto Liboreiro*(1), *Crasto Leboreyro* (2), popularmente ainda hoje *Crasto Leboreiro* e *Crasto Liboreiro*, ou de modo

(1) Assim se lê muitas vezes numa antiga carta de privilégio do concelho de Melgaço, cópia do século xvii, existente na Casa da Câmara.

(2) No foral de Castro Laboreiro, de 1513: vid. F. N. Franklin, *Memoria dos foraes*, Lisboa 1816, pág. 82.

simplificado, apenas *Crasto*, é o nome de uma aldeia do concelho de Melgaço, a qual ao longe todos têm por uma das mais rudes de Portugal, isto é, de carácter mais primitivo: excelente campo, pois, para estudos etnográficos, e já a tal propósito por vezes interrogada.

Esta aldeia, outrora vila, capital de concelho, e ainda agora chamada popularmente *vila*, é sede de uma freguesia, que se compõe de muitos lugarejos, entre os quais, segundo me dizem, merecem a palma na rusticidade Portos, Seara, Campêlo, Formarigo, e Teso.

Na *Revista Lusitana*, vol. xix, pág. 270-280, publiquei umas notas etnográficas a respeito de Castro Laboreiro, onde inclui uma amostra da linguagem (gramática e vocabulário). No n.º xvii dêstes estudos citei muitos fenómenos, incluídos no estudo geral da linguagem do concelho de Melgaço. Agora, como espécime mais amplo e seguido, publico adiante um curioso texto em que se imagina um diálogo travado entre dois campónios de Castro Laboreiro, — um velho, que está sentado ao lume, e um individuo mais novo que o foi visitar, e o trata respeitosamente por *tio*, — texto que o Rev.º Manuel José Domingues, natural daí, e Abade de Melgaço, me enviou em 19 de Novembro de 1903. No texto, a par com um esbôço de quadro etnográfico, representa-se a linguagem crasteja com tôda a naturalidade e pureza, pelo menos como os velhos então a falavam. Digo *pelo menos*, porque, visto perder a linguagem terreno de dia para dia, não sei se ainda lá se poderia ouvir seguidamente um diálogo tão extenso. Assim, em um texto em prosa, aprecia-se melhor a fala do que em canções, onde só de longe em longe aparece uma ou outra palavra aldeã, um ou outro modo de pronúncia popular.

Ao texto adicionarei em secção à parte algumas frases avulsas.

I. Uma conversação

— Deus lhe dia (1) boas noites (2), tio Francisco! Intóm est'á ó lume, ei! É ele huje sabe, cá (3) faz um frio que parece de Janeiro, com'ê.

— Isto (4) um bélho tem de star sempr'ó lume, cá lá (5) ó frio nom pode star! Intóm stou p'raqui ó borralho, p'ra tê'los pés quentes.

— Cecaís qu'estaria milhôr na cama, porqu'ò (6) calor da cama é milhôr.

— Mais na cama nom se póde estar sempre, c'até doi o corpo è (7) ós óssos: è em canto a gente póde lebantar estas pernas, bai-s'erguendo.

— Pois eu huje (8) fui guiá'la auga á Porteleira, è bi-me mal co'a nebe: todo era escorregar, escorregar, que dei cada caída, c'até me parecia que nom me lebantaba, nim binha pr'ó eido! É apareceu-m'o condanido do lobo no caminho, que p'ra me librar d'ele, bi-m'entr'à cruz e o caldeirinho, è pensei que era huje a minha última (9).

— Sume-t'artelo! (10) eu t'arrenego! àbrenúncio! que demonho de bicho! cá faç tanto mal perí! só com obelhas tem comido tantas, tantas, c'até nom sei como lhe nom cái o rabo co'as unturas que dá ás tripas!

— Veigam-che (11) cantos hai no outro mundo! c'ò demonho do lobo até me fezo (12) pôr rouco a berrar eu ú, ú, ú; mais ninguem m'oubia. Olhe cà (13) pensei que lhe daba ũa cêa àquele condanido. Eu bém chamaba é berregaba, mais ninguem me falaba! O escomulgado parece qu'adebinhaba que estabámos (14) ali só os dous, p'ra juntá'los coletes (15).

— Pois graças a Deus qu'escapache (16) d'esta enfeita (17). È que tal? Hai herba nos campos estiano (18)?

— A cousa regula pelos outros anos: nim hai múita (19), nim hai pouca; hai um remedio p'ra governar, é ir tendo mã dos ossos (20) ás baquinhas, cá as minhas pequeninhas (21) estiano sóm (22) bém castigadas do frio.

— Sóm, sóm! ólha qu'este ano bai frio, qui-eu já conto dous carros (23), è nóm me lembro de tanta frialdade (24): só é por eu ser belho, e senti'lo mais!

— Ólhe q'ó ano bai sequeiro. A minha Maria tamém se queixa, q'às berças estiano que já secárum (25) todas co'a giada, è que nom hai com que fazê'lo cardo (26): è a gente sem cardo parece que nom quéce por dentro.

— Ai intom nom sô (27) eu só que conheço isso, é porque é berdade, qu'ó ano bai coelheiro; mais ólha, nom ch' (28) hai mal que nom traga bém. O frio no seu tempo tamém ch'é bô, cá já meu abô dezia qu' *em Janeiro || sube (29) ó outeiro: || è chóra, se bires berdegar, || è canta, se bires terrear (29*)*. Olha c'ò ditado dos belhos sái-che certo, por qu' olhá giada (30) matôs (31) bichos qu'andã nos campos, p'ra que depois nom comã os fruitos e à nobidade toda. Intom bamos-che passando estes dous dias que temos neste mundo, c'ò pior é-che no outro, c'áqui sabemos os cardos (32) que comemos, é no outro nom ch'ó sabemos. Olha qu'um tio de meu abô, que ch'era crego, é erá cura do Senhor Reitor, diç (33) que dizia muitas bezes, sentado ali aquele canto, qu'era o sitio d'ele, qu'inda habia de bir tempo qu'òs homes habiã de boar e òs ferros qu'habiã de falar; è olha, ele indò nom biu, mais nós já bemos. O camboio diç que passa aí pela beira do rio Minho, arriba

e abaixo, que corre que desaparece; è aí em Melgaço diç que se manda ũa parte, indas que seja p'ra Lisbôa, por um ferrinho è por um arame que bai d'aqui até lá. Intom nom sei que che diga, nom sei p'r'ónde caminhamos, assi com tanta finuria. Estas cousas, já se sabe, tamém o Demonho ha-de ter nelas a sua parte è quinhóm, cà (34) cabeça dos homes só nom fazia todo. È assi bai andando o mundo! O que ch'êu digo é que agora nom hai a religiom d'outro tempo. Ora, que soubesse o Senhor Reitor bello que alguem nom ia á minsa algum dia de domingo, chamabò lá, dezia-lh'as todas (35)! Parece que sabia todo, parece c'adebinhaba. È se lhe puxassẽm pela idêa, Deus nos libre! c'escastanhaba um lá dentro d'aquela casa, é batia àquelas botas, que lhe chegabã ó joêlho, naquele sobrado, que parece c'alagaba (36) aquela casa. E fosses tu lá com rêtólicas, cá che puxaba as orêlhas! Mais, meu amigo, naquele tempo habia-che grã é patacos é herba é gando é res; é todo andaba gordo é bonito: é huje é miseria a mais miseria! Eu sempre oubi dezer que com Deus é co'o lume non ch'hai chanças.

— Olhe, tio Francisco: é d'antes diç qu'habia múito dinheiro, é qu'a gente qu'andaba sempre com fartura. È huje qu'hai?

— Nom que d'antes aqui nesta freiguesia só ch'habia as botas do Senhor Reitor, ũas botas que lhe chegabã ó giolho, e só as lebaba p'rà igreja cando dezia a minsa, è demais nom ch'habia outras em toda a freiguesia; è um ano o Nelo dos Coutos, que já nom binha de Castilha hai quatro anos, trougo (37) ũas botas comàs (38) do Senhor Reitor, è nom ch'as pôdo (39) rumper, cà era o espelho dos outros todos; cando se saía da minsa, todos reganhabã o dente, d'ele se querer

cumparar ó Senhor Reitor. É huje, huje nom hai cã nim gato que nom tenha ũas botas è um chapeu è um relógio. È às mulheres faziã uns abarqueiros que lhe durabã dous anos, è huje já che trajẽm çapatos è çoques com brochias marelas, è òs abarqueiros jòs (= já os) nom querem, jòs nom hai, è já hai panos de seda, è d'antes só habia capelas p'ra cabeça, è nom se bia um pano, nim de seda, nim dos outros nessa igreja. É aí che stá a razóm porque che nom hai dinheiro, porque o gastã nêssas chincharias.

— É d'antes diç ca habia homes mui balentes. Diç que um tal tio Tato do Rodeiro que agarrou um lobo pela garganta, è que o afogou, è que lhe pegou nũa perna ó cabalo grande do Tomás das Quingostas (o ladróm mais balente d'estas alturas!), è que o segurou, è que o cabalo a querê'lo coucear, è ele agarrado á perna, è que tirou c'o cabalo ó chão, mais despois o Tomás que o mataba c'um tiro, se nom fugisse.

— Esse tio Tato eu já nom conheci, mais diç q'andou com meu abô pelos fiandeiros, è d'ũa beç que s'abriu ũa sepultura na igreja é que lá aparecêrum os ossos d'ele, q'erã mui grossos, mui grossos, è todos deziã q'erã os d'ele. Eu nom o sei. Quẽ fezo(40) a casa do Nelo Cotarelo de Queimadelo foi ele, è diç que foi ele sô, é ele só é que botou aqueles côtos todos arriba; diç que nom queria que ninguẽ o ajudasse. É olha q'ela tem lá bôs côtos...

— Pois huje nom hai d'esses homes; só hai p'raí uns froucinhos que nom balẽm nadinha. Só som bôs p'ra tapar um buraco co'eles!

— É ós pois, que bá um home dezer-lhe que nom balẽm nada, ca lh'esmoquetêã a cara, ou pelo menos tirã-lhe um berro como um burro...

— Tio Francisco, bou-me comer o cardo, cá j'hã-de ser horas, è a minha Maria nom m'as guarda (40), ca, cando tal, tamém s'encrista p'ra mim como um demonho! Intóm digo-lhe adeus até de manhã, se Deus quijer. Olhe q'as noites estão frias. Intóm o melhor é meter-se um home na cama.

— Pois intóm, até demanhã, se Deus quijer. È cando te parecer, bém perqui, cà eu tenho-che múito que dezer, cá tamém já che tenho uns anos, è eles nom passã sem s'aprënder algo.

Comentário

(1) Vid. *Linguagem de Melgaço*, § 33.

(2) Expressão interjectiva.

(3) Parece termos aqui uma conjunção causal que existia em português e galego antigos, do lat. *quia* (em próclise); mas também pode *cá* ou *ca* ser modificação fonética de *que*.

(4) Pronome que anuncia o que vai dizer-se.

(5) Advérbio expletivo.

(6) = *o* enfático. Noutro lugar também *à* por *a*.

(7) O meu informador escreveu *é*; eu escrevo *è*, para evitar confusão com a 3.^a pessoa do verbo *ser*. Em galego também se diz *é*, e deve ter sido esta a antiga pronúncia portuguesa da conjunção. Cfr. hesp. *é* antes de palavra começada por *i*. O som *i* que hoje tem o nosso *e* nasceu de próclise (*e* + palavra começada por vogal); depois generalizou-se.

(8) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 6-b.

(9) Isto é, a minha última hora de vida.

(10) *Sume-te!* é imprecação usual do Minho (imperat. de *sumir*), quási interjeição. Assim se entende que se

faz fugir o Diabo que nos persegue. Quanto a *artelo*, deve ser epíteto ou nome do Diabo (relacionado acaso com *arte*, *malas artes*), porém não conheço a palavra noutro texto.

(11) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 57*.

(12) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 36.

(13) Em português antigo há a conj. integrante *ca*: vid. *Glossário do Cancion. da Ajuda de D. Carolina Michaëlis*. Mas *ca* pode aqui ser alteração moderna de *que*; cfr. nota 3.

(14) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 29.

(15) Isto é, para lutarmos, juntando os peitos.

(16) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 27.

(17) Em português corrente: *d'esta feita*.

(18) Note-se que *estiano* é a pronúncia normal portuguesa de *éste ano*. Também há quem diga *est'ano*.

(19) Pronuncia-se *úi*, sem nasal: vid. *Ling. de Melgaço*, § 4.

(20) Em português normal diz-se: *ter mão em*.

(21) «As minhas vacas pequeninas».

(22) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 43.

(23) Isto é, 80 anos, porque um carro se conta por 40 alqueires.

(24) Quando há irregularidades anormais nas estações do ano, é costume nas aldeias invocar o testemunho dos velhos a respeito de outras anteriores: «dizem os velhos que nunca se lembram de um frio assim»; «diz Fulano que só há tantos anos choveu dêste modo». Até às vezes se lê isto em jornais, em correspondências da provincia.

(25) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 9-d.

(26) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 12-b.

(27) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 43.

(28) Dativo ético muito usado neste texto, não sei se com exagêro.

(29) Imperativo de *subir*, como *sume-te*, no comento 10.º, e *fuge*, de que falei na *Ling. de Melgaço*, § 51.

(29 *) Provérbio muito corrente em Portugal.

(30) = *olha a*.

(31) = *mata os*.

(32) Vid. comento 17.º

(33) *Diç* impessoal. Cfr. *Livro de Esopo*, § 35-b.

(34) = *ca a*.

(35) Isto é, ralhava com êle o mais possível.

(36) « esborralhava », « fazia cair ».

(37) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 45.

(38) = *coma as*.

(39) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 39.

(40) Vid. *Ling. de Melgaço*, § 36.

(41) *Nom m'as guarda* « nom m'as poupa », « não deixa de me fazer censuras ».

II. Frases avulsas de Castro Laboreiro (1)

Cume (2) o cardo (3) p'ra botare'lo (4) gando cando (5) binheres (6) á noite, traje (7) um feixe d'uzeiras p'ra quentar (8) o forno, ca (9) q'remos comê'la bica.

Ont'á noite fui-ch'ó (10) fiadeiro, e choei com Antonia.

O crego José diz a minsa mui de bagar, e doi'm'os giolhos de estar agiolhado.

O augazil beu prender Fulano.

Comentário

(1) Foram-me também enviadas pelo S.^{or} Abade Manuel José Domingues. Comento-as referindo-me aos pa-

rágrafos da gramática onde, baseado noutro material, estudei as leis da linguagem de Melgaço.

- (2) Vid. § 5o.
- (3) Vid. § n.º 12-b.
- (4) = *botares lo*, « *deitares o* ».
- (5) De *quando*.
- (6) Vid. § 47.
- (7) Vid. § 45.
- (8) Vid. § 65-a.
- (9) De *que*, ou o arc. *ca*.
- (10) Vid. § 26-a. O *che* aqui é dativo ético. Vid. § 77.

Relativamente ao que poderia aqui dizer-se como conclusão veja-se o que já fica dito no remate dos dois estudos precedentes; e cfr. também supra, págs. 19, 25-26, 116-118 e 172.

XIX

LINGUAGEM POPULAR DE BAIÃO

(3.º artigo)

Posteriormente a 1885, data em que se publicou o 1.º e o 2.º artigo, tornei a estar em Baião, e tive ensejo de colhêr, conversando com o povo, outros apontamentos, que vou aqui coordenar. Colhi-os quasi todos em S. Tomé de Covelas, como já acontecêra a respeito dos que constituem aqueles artigos.